

nei lopes

**mandingas da mulata velha
na cidade nova**

**Língua
Seraj**

É de tardinha. E o dia é 7 de janeiro de 2004, seguinte ao Dia de Reis. Dia de desmontar a árvore de Natal, tradição de que quase ninguém mais se lembra, cumpre ou observa.

O velho sobrado da rua da Alfândega, no Centro do Rio, já está quase todo demolido. Mas a parede da esquerda tem que ser derrubada com mais cuidado, para não danificar o prédio vizinho, onde funciona uma loja de presentes baratos de uma família coreana.

Bate daqui, bate dali, de repente, de uma fenda aberta na parede, cai um pequeno novelo de linha, empoeirado pelo tempo. Curioso, um dos operários o segura e começa a desenrolar. Mas é um fio longo, de uma linha escura e forte, envolvendo um saquinho de tecido amarfanhado.

Um outro operário, mais curioso ainda, rasga o saquinho. Vê, dentro dele, dois pedaços quase quadrados de alguma coisa como pele de animal. E em cada um, riscados com uma tinta vermelha, escura, parecendo sangue,

muitos rabiscos, grafismos, desenhos, feito uma escrita. Dessas com que escrevem árabes, judeus, turcos, de trás para diante.

E sem que os operários percebam, o fio cai no chão. E sai coleando, rápido, como uma cobrinha, até o Campo de Santana. Aí, dobra à direita, atravessa a avenida Presidente Vargas e a praça Duque de Caxias, toma a Visconde da Gávea, corta a Senador Pompeu e a Barão de São Félix, desce a Alexandre Mackenzie, chega na rua do Livramento... e some nas imediações do largo de São Francisco da Prainha. Oitenta anos antes...

Neste ano de 1924, o prestígio da *Tribuna do Rio* entre as massas populares é incontestável. É a “*Tribuna do povo para o povo*”, como diz seu reclame. Sua redação e sua grande e bem equipada oficina ficam na rua Gonçalves Dias, num prédio de dois andares, a alguns passos da rua do Ouvidor. Contando com a colaboração de grandes profissionais da imprensa, a *Tribuna* é um jornal vivo, novo, alegre e movimentado. E explora, como é do tempo, escândalos que são sempre do agrado do grande público. Um dia é a história do “Chupão”, um ser tido como sobrenatural, que, na calada da noite, invade propriedades do sertão carioca, de Jacarepaguá a Santa Cruz, para sorver o sangue de rebanhos inteiros, dizimando-os e atacando até crianças de berço, durante o sono. Outro dia é a história do Dozoio, um pobre rapaz que foi espiar a mulher do vizinho tomar banho no rio Guandu e aí, enfeitiçado por ela, virou, sem qualquer explicação científica plausível, uma espécie de lobisomem, um monstro de olhos esbugalha-

dos e acesos como dois enormes faróis, que sai à noite, em busca da satisfação de seus desejos bestiais. Tudo invencionice, fantasia, mentiras cariocas.

A *Tribuna do Rio* mantém inclusive uma bem cuidada sessão de palpites de bicho, dados por alguém — dizem que o próprio doutor Roberto, o dono — que se assina “Borboleta”. Mas o tempo das grandes tiragens mesmo, das vendas espetaculares, é o carnaval. Aí, repórteres e redatores percorrem as sedes dos blocos, ranchos e cordões, transformando em celebridades seus modestos diretores, os frequentadores mais assíduos e destacados, promovendo concursos e certames, entregando prêmios e troféus, publicando em gravuras muito bem desenhadas os estandartes das agremiações.

Entre os repórteres da *Tribuna*, magrinho, pequenino, cheio de tiques nervosos, cabelos desgrenhados, bigode amarelado dos cigarros Petit Londrinos que fuma, acendendo um no outro, destaca-se Henrique da Costa, o Costinha, também conhecido como Diga-Mais, por sua mania de, nas entrevistas, açular os entrevistados reticentes sempre com essa frase.

Nesta noite de 7 de janeiro, o repórter de plantão é o nosso Costinha, nas crônicas carnavalescas, Diga-Mais. É ele quem atende o telefone:

— *Tribuna do Rio*, boa noite!

— Quem é que está no aparelho?

— Costinha, a seu dispor.

— É uma nota fúnebre.

— Diga mais!

O interlocutor não se faz de rogado e, do outro lado da linha, lê a nota completa, adrede redigida:

— Acaba de falecer, em sua residência, à rua Visconde de Itaúna 137, Dona Honorata Sabina da Cruz, a Tia Amina, a maior figura dentre as célebres baianas do carnaval da praça Onze. A veneranda Tia Amina morreu de um colapso cardíaco fulminante, aos sessenta e nove anos de idade.

A cidade ainda não se tinha refeito da irreparável perda, em março do ano anterior, daquele que fora, em inteligência, em descortínio político, em saber jurídico, em consciência civilista, o maior dos brasileiros — Antônio Rui Barbosa de Oliveira, a Águia de Haia. E seis meses depois, a capital federal era sacudida por mais um golpe, com a morte do marechal Hermes da Fonseca. E, na sucessão desses acontecimentos aziagos, neste triste ano de 1924, morria a figura ilustre dessa baiana inesquecível.

O autor do telefonema é um rapazinho de 22 anos, João Ferreira, repórter iniciante e doido para trabalhar na famosa redação da *Tribuna*. E quase ao mesmo tempo, a notícia da morte de Mãe Norata, Tia Amina ou Oxum Toki, começa a chegar a outros redutos.

Então, ávido pela grande matéria, Costinha pega o bonde Humaitá e salta no Catete, onde o pessoal do Ameno Resedá chora, chora e chora, no mais completo abatimento.

Como todos se recusam a falar, Costinha toma o bonde Águas Férreas e vai até a quadra dos Silenciosos das Laranjeiras, onde encontra a sede fechada em sinal de luto. Meio desanimado, volta no mesmo bonde. No meio do caminho, reconhece, num botequim, gente do Prazer da Glória. Mas estão todos tão entregues aos prazeres do álcool que nada do que falam se aproveita.

Da Glória, Costinha se joga de novo num bonde Humaitá. E, numa casa de esquina, vê, na varanda, dedilhando um violão, o maestro Cláudio de Barros, mestre de canto dos Destemidos, que acompanha um coro de moças do Estrela de Botafogo. Costinha salta espetacularmente do bonde em movimento, de costas, cheio de estilo, e dirige-se ao grupo. Mas ninguém sabia da morte de Tia Amina; e só a conheciam de nome. Assim, o maestro, delicadamente como de costume — é tão delicado que só come uva descascada! —, faz ver ao repórter que o grupo está ensaiando; e que sua presença perturba um pouco o ritmo dos trabalhos.

Dia seguinte. Praça Quinze. Costinha hesita entre tomar um bonde Itapiru e procurar o pessoal da Flor ou

dos Amantes de Santa Tereza; entre tomar um São Luiz Durão e ir entrevistar alguém dos Teimosos ou dos Destemidos de São Cristóvão. Mas acaba mesmo é pegando um Andaraí—Leopoldo, que depois de rodar mais de dez quilômetros o deixa na subida do morro, onde lhe indicam a casa de Ciro, o último remanescente do saudoso Rosa de Ouro. Mas Ciro, diz sua mulher, “Ultimamente não para em casa e deve estar metido com alguma vagabunda lá em Mangueira ou em Vila Isabel”.

Costinha então volta pra cidade. E aí, numa tarde inteira de viagens perdidas, com as nádegas em carne viva, castigada pelos duros bancos dos bondes — Praia Formosa, Caju Retiro, Aldeia Campista — resolve jogar a toalha, pois apura quase nada além de tudo o que já lera e ouvira sobre Tia Amina. Assim, escreve o texto recorrendo aos arquivos do jornal. Buscando assunto nas notas esparsas que encontra sobre velhos e bárbaros cordões; ranchos antigos, alguns deles remanescentes; e ranchos de hoje, na ordem alfabética do arquivo:

Amantes de Santa Tereza, Arrepiados, Botão de Rosa, Caçadores da Montanha, Caprichosos da Estopa, Castelo de Ouro, Chuveiro de Ouro, Chuveiro de Prata, Corbeille de Flores, Cruzeiro do Sul, Dália de Ouro, De Língua Não se Vence, Deixa Malhar, Dois de Ouro, Eles Te Dão, Esfolados, Estrela de Botafogo, Estrela Encantada, Faz Vergo-

nha, Filismina Minha Nega, Flor da Lira, Flor da Romã, Flor do Resende, Flor do Abacate, Flor do Caju, Flor do Itapiru, Gravatas, Gualemadas, Kananga do Japão, Lambe Tudo, Lírio do Amor, Mama na Burra, Mimosas Cravinas, Miséria e Fome, Mistério de Siva, Oriente da Lua, Rainha do Mar, Recreio das Flores, Recreio dos Anjos, Rei da Babilônia, Rei das Chamas, Rei de Ouro, Reinado de Siva, Riso Leal, Rosa Branca, Rosas de Diamantes, Segura com Cuidado, Teimosos da Chama, Tomara que Chova, Turunas de Monte Alegre, União da Aliança, União dos Caçadores, Você Me Acaba...